

Otto Groth e a essência do Jornalismo

Christa Berger

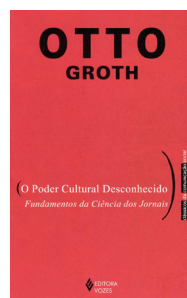
GROTH, O. (2011).

O poder cultural desconhecido.

Fundamentos da ciência dos jornais.

Tradução Liriam Sponholz.

Petrópolis: Vozes, 460 p.



Resumo: A seleção de textos de Otto Groth, traduzidos por Liriam Sponholz, marca novas possibilidades de leitura da complexa obra do pensador alemão. Bastante citados, seus textos se ocupam da “essência” de uma prática e uma ciência que reivindica autonomia. Groth toma jornais e revistas como obras culturais situando a ciência dos jornais como ciência da cultura. As três partes que compõem o volume renovam o convite para problematizar a natureza do jornalismo e seu lugar na constelação da pesquisa científica.

Palavras-chave: jornalismo; Otto Groth; clássicos; ciência dos jornais

Abstract: **Otto Groth and the Journalism essence.** The selection of texts written by Otto Groth and translated by Liriam Sponholz sets new reading possibilities of the work of this German thinker. Frequently cited, his writings deal with the ‘essence’ of practice and a science that claims autonomy. Groth considers newspapers and magazines as cultural work and he places newspaper science as culture science. The three parts that complete this volume are an invitation to discuss the nature of journalism and its place in the scientific research.

Keywords: journalism; Otto Groth, classics; newspaper science

Otto Groth é um caso emblemático entre os autores muito citados, porém nem sempre bem compreendidos quando se argumenta sobre a pertinência de uma ciência (ou disciplina autônoma) do jornalismo, definitivamente uma questão longe de encontrar certa estabilidade entre os que pensam o campo da comunicação do jornalismo à tabela de área do CNPq.

A seleção de textos de “O poder cultural desconhecido...”, quinto volume da Coleção Clássicos da Comunicação da Editora Vozes, permite ler em português parte importante da extensa obra do professor e jornalista alemão, complexa e pouco traduzida (inclusive em espanhol e inglês), e citada quase que exclusivamente por “segundas e terceiras mãos”. Está aberta, portanto, a possibilidade de rever o já dito por inferências de terceiros e formular um pensamento para os estudos em jornalismo considerando as ideias de quem se diferenciou de seus pares da época ao pretender tirar o jornalismo das ciências sociais e inaugurar uma nova disciplina.

Percorridas as 460 páginas do volume, é possível imaginar as idas e vindas da tradutora e seus interlocutores para decidir o que dar a conhecer em português dos sete volumes de Groth sobre a “essência” do jornalismo e a necessidade de fundamentar uma ciência autônoma dos jornais. A escolha dos textos parece acertada (só um leitor da obra toda poderá dar um veredito preciso) para se ter uma visão geral de como ele pensa e escreve, e, ao mesmo tempo, do que é singular em sua proposição.

As três partes selecionadas mantêm a ordem de aparecimento nos originais¹. A exposição inicial “A Ciência dos Jornais” também abre a tradução brasileira. Nela, Groth historiciza a constituição da disciplina na Alemanha, ao mesmo tempo em que argumenta e reivindica seu lugar. Para o autor, “novas ciências específicas, nascem, via de regra, das necessidades, da urgência da vida” (p. 29). A ciência dos jornais teve de “conquistar passo a passo um espaço entre as ciências e carrega até hoje marcas nítidas pelo seu reconhecimento” (p. 30), devendo sua aceitação às necessidades de saber “despertadas pelo significado da imprensa periódica na sociedade e no Estado e menos às reivindicações de formação da profissão jornalística, e ainda menos aos resultados já obtidos pela pesquisa científica” (p. 31).

Groth reconhece que há bons trabalhos que se ocupam dos jornais. Isolados, todavia, não adquirem uma posição igual à das demais ciências, pois existem algumas condições para que se possa falar de uma ciência própria:

Primeiro, cada ciência tem que comprovar, ter um “objeto próprio” que as outras ciências até agora não analisaram e cuja análise as intenções destas ciências também não permitem. Este modo especial de contemplação e elaboração de um objeto nos proporciona um conhecimento específico do objeto, que é ordenado segundo princípios específicos de classificação. Isto quer dizer que este conhecimento tem que ser colocado em um “sistema” e só então a nova ciência está fundada, só então ela pode reivindicar o reconhecimento de sua autonomia (p. 32).

1 - A primeira e a segunda encontram-se no volume 1. A terceira é composta por uma seleção do original 4.

O pensador repete de muitos modos que uma nova ciência não é feita pela novidade do objeto, mas pelo modo de contemplação. Assim, repassa o que outras ciências dizem dos jornais – a história política vê os fatos por meio dos jornais; a história da literatura vê a produção literária na sua perspectiva estética própria; a administração se ocupa do empreendimento jornal e a sociologia em investigar as manifestações sociais em cujo surgimento e atuação os jornais têm participação mútua e às vezes decisiva. Os resultados destas ciências são então interpretados pela Ciência dos Jornais, cujo “essencial”, ou seja, o importante fundamentado, “é exclusivamente a ‘ideia’, a ‘essência’, a ‘natureza’ das obras e o que está ligado a isto. É no essencial que ela tem o seu objeto e seu método próprio. A investigação do essencial gera a ciência da cultura ‘Ciência dos Jornais’” (p. 35).

Antes de aproximar-se da análise do objeto em si (p. 140), Groth trabalha as disciplinas indispensáveis à Ciência dos Jornais, a filosofia, a ética, a política, pois, para Groth, os valores essenciais da imprensa periódica são os valores da vida individual e social. E qual é este objeto? Onde está a essência que justifica a criação da disciplina e que não se encontra plasmada nas demais disciplinas que também estudam jornais e revistas? (Sim, Groth inclui as revistas quando especifica os meios de formação e condução indispensáveis para a sociedade moderna). Para ele a essência dos jornais e revistas, como criações culturais que são, é o *que* e o *como* da mediação que realizam, apreendidas em suas regularidades e constâncias:

Ao investigar a essência do objeto da Ciência dos Jornais, nós nos deparamos primeiro com a *periodicidade* como a característica manifesta e, portanto, imediatamente saliente e incondicionalmente evidente. Ao infiltrarmo-nos no conteúdo dos objetos, nós reconhecemos as características da *universalidade* e nela contida *atualidade*, e por fim identificamos a qualidade da *publicidade*, que nos dá a direção, o objetivo da obra e com isso nos conduz ao seu sentido (p. 144).

A descrição das características é minuciosa e cada uma é ilustrada com muitos exemplos retirados da imprensa, assim como das referências dos estudos da época.

A terceira parte da obra refere-se à profissão e a sua peculiaridade, a de relatar, além de trazer boas considerações sobre os gêneros jornalísticos, reportagem, notícias e notas, ainda que eles não sejam assim denominados.

A parte 1 já tinha sido publicada no Brasil em 2006, em coletânea² que Beatriz Marocco e eu organizamos como parte de um projeto de traduzir alemães e norteamericanos que se dedicaram às “social theories of the press”³ entre o final do século XIX e início do século XX. Traduzimos diferentemente uma palavra do título do original em alemão, *Die unerkannte Kulturmacht*. O poder cultural (*kulturmacht*) para o livro ora publicado é *desconhecido (unerkannte)* e, para a nossa coletânea, é *impercebido*.

2 - MAROCCO, B.; BERGER, C. (Orgs.) (2006). *A Era Glacial do Jornalismo: teorias sociais da imprensa*. Porto Alegre: Sulina. v. 1.

3 - No dizer de Hanno Hardt.

Em nossa interpretação, o sentido contido na exposição do autor é de que os jornais são parte da cultura e o poder que reside nestes não é desconhecido, apesar de nem sempre ser percebido. Se não reivindicamos fidelidade linguística, a repetição de traduções de textos fundadores de uma disciplina, pensamento ou teoria que marca uma época propicia a pulsação e a vitalidade da vida intelectual. Nisto, também, reside o valor desta coletânea de Otto Groth. Sua tradutora é brasileira, fez doutorado em jornalismo na Alemanha, tem competência, portanto, para a tarefa empreendida.

Em inspirado prefácio, Eduardo Meditsch, em conjunto com Liriam Sponholz, apresenta a trajetória de vida de Otto Groth, impedido de exercer plenamente suas atividades quando a Alemanha define-se pelo regime nazista. Incentivador da tradução, Meditsch mapeia a repercussão da obra original e imagina o diálogo com Adelmo Genro Filho e Luiz Beltrão, brasileiros que comungam das ideias de Groth antes do acesso aos seus textos. E afirma a importância de conhecer as formulações que baseiam o jornalismo em sua versão 1.0 para chegar ao domínio do exercício da profissão de jornalista, professor ou pesquisador na atual versão 2.0.

Entre outras questões instigantes que seu texto provoca, penso que vale rever a insistência de Groth sobre a essencialidade que funda a disciplina, bem como as características que aponta como essenciais da prática jornalística.

CHRISTA BERGER é professora titular do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos, pesquisadora do CNPq.

christab@unisinobr